

Avançado | Empenhado | Pronto

# Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Marítimo do Século XXI



**Março de 2015**

# **ÍNDICE**

## **PREFÁCIO**

## **PRÓLOGO**

## **INTRODUÇÃO**

### **SECÇÃO I O AMBIENTE DE SEGURANÇA GLOBAL**

- **Mudanças geopolíticas**
- **Desafios militares**

### **SECÇÃO II PRESENÇA AVANÇADA E PARCERIA**

- **Indo-Ásia-Pacífico**
- **Médio Oriente**
- **Europa**
- **África**
- **Hemisfério Ocidental**
- **Ártico e Antártida**

### **SECÇÃO III PODER MARÍTIMO EM APOIO À SEGURANÇA NACIONAL**

- **Acesso a todos os domínios**
- **Dissuasão**
- **Controlo do mar**
- **Projecção do poder**
- **Segurança marítima**

### **SECÇÃO IV CONCEPÇÃO DA FORÇA: EDIFICAR A FORÇA FUTURA**

- **Forças flexível, ágeis e prontas**
- **Efectivos**
- **Conceitos**
- **Capacidades**

## **CONCLUSÃO**

## PREFÁCIO

Os Serviços Marítimos dos EUA—a Marinha dos EUA, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Guarda Costeira—provêm uma presença excepcional em todo o mundo. Seja em tempos de paz ou durante conflitos, em todo espectro—desde prestar ajuda humanitária a um aliado, ou assistência em catástrofes, até dissuadir ou derrotar um adversário em acção cinética—são mobilizados marinheiros, fuzileiros navais e guardas costeiros, no mar e em postos remotos, para estarmos onde somos necessários, quando somos necessários. A partir do mar, nós chegamos mais cedo, permanecemos mais tempo, levamos tudo o que precisamos conosco e não temos de pedir autorização a ninguém.

Os nossos fundadores reconheceram os Estados Unidos da América como uma nação marítima e a relevância das forças marítimas, consagrando na nossa Constituição o requisito de que o Congresso “mantenha uma Marinha”. No ambiente de segurança dinâmico dos nossos dias, com múltiplos desafios de intervenientes estatais e não-estatais, os quais são, frequentemente, instigados por desordem social, convulsão política e avanços tecnológicos, a necessidade desse requisito é ainda mais evidente.

A Marinha dos EUA, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Guarda Costeira constituem a primeira linha de defesa da nossa Nação, amiúde longe das nossas costas. Assim, para que os EUA continuem a ocupar o papel de liderança no mundo, é necessário que os Serviços Marítimos da nossa Nação revejam ocasionalmente a nossa estratégia marítima e reavaliem a nossa abordagem a relações instáveis e responsabilidades globais. Esta reavaliação necessária tem asseverado o nosso foco em manter a nossa presença em todo o mundo visando garantir a estabilidade, consolidar as relações com os nossos aliados e parceiros, prevenir guerras e munir os líderes da nossa Nação com opções para tempos de crise. Tem ainda confirmado o nosso contínuo empenho em manter o poder de combate necessário para dissuadir potenciais adversários e para combater de forma vitoriosa quando se torna necessário.

A nossa responsabilidade para com o povo americano dita o uso eficiente dos nossos recursos fiscais e requer uma abordagem que se adapte ao ambiente dinâmico de segurança. Os ajustes efectuados neste documento contribuem precisamente para este fim. Analisar a forma como apoiamos a nossa população, construímos as plataformas certas, capacitando-as para alcançar uma capacidade global eficaz, e forjamos parcerias críticas será essencial para o sucesso da execução e para assegurar essa capacidade única: a presença.

O poder marítimo tem sido, e continuará a ser, a base fundamental do poder e da prosperidade nacional, e do prestígio internacional para os Estados Unidos da América. Os nossos Serviços Marítimos serão integrados nas nossas restantes iniciativas nacionais, bem como nas dos nossos amigos e aliados. Esta revisão à *Estratégia Cooperativa para o Poder Marítimo do Século XXI* assenta no legado e nas competências complementares da equipa constituída pela Marinha-Corpo de Fuzileiros Navais-Guarda Costeira de modo a promover a prosperidade e garantir a segurança da nossa Nação. As exigências de um mundo em evolução, e a defesa do povo americano, bem como dos nossos interesses, não poderiam exigir menos.

Ray Mabus  
Secretário da Marinha

## PRÓLOGO

Esta estratégia marítima descreve qual será a concepção, organização e emprego dos Serviços Marítimos em apoio às nossas estratégias: nacional, de defesa e de segurança do território. Para além disso, define também prioridades marítimas numa era de recursos limitados, realçando, simultaneamente, as capacidades de combate e a presença naval avançada, com o intuito de promover os interesses nacionais de hoje e nortear os preparativos para os desafios de amanhã.

A presença naval avançada é essencial para a consolidação dos relacionamentos e parcerias, garantindo o ambiente seguro necessário a um sistema económico aberto baseado na livre circulação de mercadorias, protegendo os recursos naturais dos EUA, promovendo a estabilidade, dissuadindo os conflitos e enfrentando a agressão. À medida que o comércio marítimo global se expande, as populações aumentam, a corrida aos recursos naturais e energéticos acelera e as tecnologias militares avançadas proliferam através dos oceanos e regiões litorais, surgem também desafios para quem opera nessas regiões.

O povo americano continuará a depender dos Serviços Marítimos para dar resposta a acontecimentos mundiais altamente dinâmicos e complexos que ameaçam a segurança dos Estados Unidos e dos nossos aliados e parceiros. Os nossos Marinheiros, Fuzileiros Navais e pessoal da Guarda Costeira estão preparados para fazer face a estes desafios com a mesma determinação e capacidade de resposta que têm demonstrado ao longo de mais de dois séculos.

Joseph F. Dunford, Jr.

*General, Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA*

Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais

Jonathan W. Greenert

*Almirante, Marinha dos EUA*

Chefe de Operações Navais

Paul F. Zukunft

*Almirante, Guarda Costeira dos EUA*

Comandante da Guarda Costeira

## INTRODUÇÃO

Os Estados Unidos da América são uma nação marítima. Por mais de dois séculos, a Marinha, o Corpo de Fuzileiros Navais e a Guarda Costeira—os Serviços Marítimos—têm operado em todo o mundo na protecção dos cidadãos americanos e defesa dos interesses dos EUA, por meio da resposta a crises e, sempre que necessário, combatendo e ganhando guerras. Desde a publicação de *Uma Estratégia Cooperativa para o Poder Marítimo do Século XXI*, em 2007, as mudanças nos ambientes de segurança e orçamental, aliadas a novas orientações em matéria de



Os oceanos são o impulso vital da comunidade global interligada, estando previsto que o volume de comércio marítimo duplique nos próximos 15 anos. As nossas forças navais avançadas apoiam a livre circulação do comércio, responsável pelo crescimento económico global sem paralelo dos últimos 70 anos. Noventa por cento do comércio em volume transita através dos oceanos. Aproximadamente 70 por cento da população mundial habita num raio de 160 quilómetros das linhas costeiras—uma área chamada de litoral. Do mesmo modo, a maior parte da actividade marítima—comércio marítimo, pesca e extracção de petróleo e de gás—ocorre dentro de cerca de 300 quilómetros da costa. Acima, um contentor japonês chega ao Porto de Los Angeles. (Fotografia por cortesia do Porto de Los Angeles)

estratégia, designadamente a *Orientação Estratégica de Defesa de 2012* e a *Quadrennial Defense and Homeland Security Reviews [Análises Quadrienais de Defesa e Segurança Nacional]* de 2014, exigem uma estratégia marítima actualizada a fim de garantir que continuamos a fazer avançar os nossos interesses nacionais num mundo cada vez mais complexo e interdependente.

As forças navais destacadas e estacionadas em posições avançadas usam os recursos globais comuns como meio de manobra, garantindo o acesso a regiões ultramarinas, defendendo interesses importantes nessas áreas, protegendo os nossos cidadãos no estrangeiro e impedindo os nossos adversários de utilizarem os oceanos do mundo contra nós. A capacidade de levar a cabo operações em águas internacionais longe das nossas costas constitui uma vantagem decisiva para os Estados Unidos—uma nação do

Hemisfério Ocidental separada de muitos dos seus interesses estratégicos por vastos oceanos. Manter esta vantagem numa comunidade global interligada que depende dos oceanos continua a ser de vital importância para os nossos Serviços Marítimos e a nossa Nação.

O ambiente de segurança global da actualidade é caracterizado pela crescente importância da região Indo-Ásia-Pacífico, bem como pelo desenvolvimento e implementação em curso das capacidades anti-acesso/negação de área (A2/AD), que dificultam o nosso acesso marítimo global, pelas ameaças contínuas provenientes de redes terroristas e criminosas em expansão e evolução, pela crescente frequência e intensidade das disputas territoriais marítimas e pelas ameaças ao comércio marítimo, em particular o fluxo de energia.

Para além dos riscos emergentes neste turbulento século XXI, existem também oportunidades—muitas destas facilitadas pelos Serviços Marítimos por meio de empenhamento rotineiro e construtivo com aliados e parceiros. Entre estas, a principal é o potencial para a formação de uma rede global de Marinhas, que englobe as contribuições de nações com opiniões semelhantes e organizações em todo o mundo, destinada a fazer face a desafios de segurança marítima mútuos e responder a catástrofes naturais.

Esta estratégia marítima reafirma dois princípios básicos. Em primeiro lugar, a presença naval avançada dos EUA é essencial para a consecução das seguintes missões navais, de acordo com a orientação nacional: defender o território nacional, dissuadir conflitos, responder a crises, derrotar a agressão, proteger os recursos marítimos comuns, consolidar parcerias e prover assistência humanitária e resposta a catástrofes. As nossas forças navais auto-sustentáveis, operando no âmbito dos recursos comuns da humanidade, asseguram a protecção do território nacional distante das nossas costas, conferindo, em simultâneo, ao Presidente, espaço suficiente para tomar decisões e opções para anular os objectivos do adversário, preservar a liberdade de acção e garantir o acesso a forças de seguimento.

Em segundo lugar, as forças navais são mais poderosas quando operam em conjunto e com os seus aliados e parceiros. A fusão das nossas competências e capacidades individuais produz um efeito naval combinado que é superior à soma das partes. Ao trabalharmos em conjunto em redes formais e informais, ficamos aptos a fazer face a ameaças aos nossos interesses de segurança marítima mútuos. Maximizando a capacidade robusta deste conceito de rede global de marinhas, ficamos melhor posicionados para enfrentar os desafios novos e emergentes.

Os Serviços Marítimos, historicamente, têm-se organizado, treinado e equipado para desempenhar quatro funções essenciais: dissuasão, controlo marítimo, projecção de poder e segurança marítima. Dado que o acesso aos recursos comuns da humanidade é fundamental,

**Forças navais avançadas** garantem a protecção do território nacional longe das nossas costas.

esta estratégia introduz uma quinta função: acesso a todos os domínios. Esta função assegura a liberdade de acção apropriada em qualquer domínio—mar, ar, terra, espaço e ciberespaço, bem como o espectro electromagnético (EM).

Esta estratégia contribui para a determinação do emprego das forças navais e define uma força que equilibra a prontidão para o combate com os desafios fiscais actuais e futuros da nossa nação. A nossa abordagem de emprego de força alinha competências, capacidade e plataformas com as exigências de missões regionais, garantindo que as nossas forças mais modernas e tecnologicamente avançadas se encontrem localizadas onde o seu poder de combate é mais necessário. Para além disso, define também de que forma as forças navais reforçarão a sua eficácia, empregarão novos conceitos de combate e promoverão inovação. Desta forma, os Serviços Marítimos traçam uma rota que assegura a defesa dos nossos interesses nacionais, continuando a ser a pedra angular da segurança nacional dos EUA.

## SECÇÃO I

### O AMBIENTE DE SEGURANÇA GLOBAL

As forças navais devem promover os interesses dos EUA num ambiente de segurança global caracterizado por volatilidade, instabilidade, complexidade e interdependências. Este ambiente engloba mudanças geopolíticas e crescentes desafios militares que influenciam profundamente esta estratégia.

#### Mudanças geopolíticas

A região Indo-Ásia-Pacífico, que se estende da costa ocidental dos Estados Unidos à costa oriental de África, e inclui oito dos dez países com maior densidade populacional do mundo, tem cada vez mais relevância para a nossa Nação, bem como para os nossos aliados e parceiros. A economia e a segurança dos EUA estão indissociavelmente ligadas ao enorme volume de comércio que transita através dos Oceanos Índico e Pacífico. A importância económica, os interesses de segurança e a geografia desta vasta região marítima ditam a sua crescente dependência das forças navais para a protecção dos interesses dos EUA e garantia de um empenho de longo prazo na estabilidade da região.

Somos mais poderosos quando trabalhamos em conjunto, **em coordenação com** os nossos aliados e parceiros.

Com base em interesses estratégicos partilhados, os Estados Unidos visam reforçar a cooperação com os aliados de longa data na região Indo-Ásia-Pacífico— Austrália, Japão, Nova Zelândia, Filipinas, República da Coreia e Tailândia—e continuam a cultivar parcerias com Estados tais como o Bangladesh, Brunei, Índia, Indonésia, Malásia, Micronésia, Paquistão, Singapura e Vietname.

A expansão naval da China para os Oceanos Índico e Pacífico abre tanto oportunidades como desafios. Por exemplo, a China apoia as operações de combate à pirataria no Golfo de Adem, leva a cabo missões de assistência humanitária e resposta a catástrofes, com o seu navio-hospital, e participa em exercícios multinacionais de grande escala. Como parte signatária do CUES (Code for Unplanned Encounters at Sea - Código sobre Encontros Não-Planeados no Mar), a China assinala a sua capacidade de seguir as normas, instituições e padrões de comportamento internacionais consentâneos com o seu estatuto de potência mundial em ascensão. Contudo, a expansão naval da China também apresenta desafios quando emprega

força ou táticas de intimidação contra outras nações soberanas para fazer reivindicações territoriais. Este comportamento, aliado a uma ausência de transparência em relação às suas intenções militares, contribui para a tensão e instabilidade, tendo como potencial resultado erros de cálculo ou mesmo escalada de tensão. Os Serviços Marítimos dos EUA, por meio da nossa contínua presença avançada e interação construtiva com as forças marítimas chinesas, reduzem o potencial para maus entendimentos, dissuadem a agressão e preservam o nosso compromisso para com a paz e estabilidade na região.

A persistente instabilidade e a existência de áreas com governação deficiente em todo o Médio Oriente e África criam condições favoráveis para a operação de organizações extremistas violentas e outras organizações terroristas. Entra estas cita-se o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL), o Hezbollah, o Hamas, o Al Shabab e o Boko Haram, assim como a Al Qaeda e respectivos afiliados.

Redes como estas desestabilizam os Estados soberanos e influenciam ataques como o atentado em Paris no início de 2015, pondo em destaque a natureza indispensável de forças navais avançadas e prontas no esforço mundial de combate ao terrorismo.

As áreas com governação deficiente em terra criam condições para instabilidade regional, como a pirataria e o tráfico marítimo ilícito, que servem para financiar actividades terroristas. Devido aos esforços concertados das forças navais dos EUA e dos nossos parceiros globais, a pirataria está agora em declínio ao largo da costa do Corno de África, sendo ainda uma preocupação para a África Ocidental, especialmente no Golfo da Guiné e nos Oceanos Índico e Pacífico. Esta instabilidade regional ameaça a estabilidade económica global num mundo hiper-interligado e realça a



***“A realidade de hoje é que devemos pensar em redes mundiais de Marinhas. Para tanto basta que exista vontade de cooperar—não há compromisso, não é necessário aderir a uma aliança: qualquer pessoa pode participar. Há uma missão para todos, seja esta relacionada com assistência humanitária e resposta a catástrofes, ou com acções de contra-terrorismo, combate ao crime organizado transnacional ou combate à pirataria”.***

***—Almirante Greenert***

A segurança e prosperidade da América aumentam ao mesmo tempo que as dos nossos aliados e parceiros. Os Serviços Marítimos continuarão a expandir a rede mundial de Marinhas para fazer face aos nossos interesses de segurança comuns. Nesta imagem, o contratorpedeiro USS Chung-Hoon (DDG 93) opera com a fragata RSS Steadfast (FFG 70) da República de Singapura, o cúter Mellon (WHEC 717) da Guarda Costeira e a corveta RSS Vigilance (90) da República de Singapura durante os exercícios de Cooperação Marítima para Prontidão e Treino (CARAT) em Singapura. A sigla CARAT refere-se a uma série de exercícios bilaterais no Sudeste Asiático que visam consolidar relacionamentos e reforçar a prontidão da força.

necessidade de uma rede mundial de marinhas que tire proveito das melhores competências dos Estados participantes.

Em toda a América do Norte e Europa a Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO) continua a ser a aliança mais poderosa e a peça-chave da segurança transatlântica. Os nossos esforços mútuos para cooperar com, e juntarmos a, membros e países parceiros em matéria de desafios marítimos comuns, tais como o combate à pirataria, são um modelo para a cooperação em matéria de segurança. Desde o desenvolvimento de capacidade de sistemas de defesa antimíssil balístico (ABM), na Roménia e Polónia, até à operação em Grupos Marítimos Permanentes da NATO, as forças navais dos EUA participam activa e diariamente nas missões da NATO.

A modernização militar da Rússia, a anexação ilícita da Crimeia e a agressão militar em curso na

Ucrânia sublinham a importância dos nossos compromissos para com a estabilidade e segurança na Europa. Os membros da NATO podem assegurar a contínua viabilidade da aliança, mantendo os seus compromissos com as forças navais que garantem a segurança no teatro marítimo Europeu.

A subida em flecha da corrida à energia e aos recursos, evidenciado pelo aumento projectado de 56 por cento do consumo mundial de energia até 2040, realça o quão essencial é manter o livre trânsito do comércio através das encruzilhadas marítimas estratégicas, nomeadamente os Estreitos de Ormuz e Malaca, assim como os Canais do Panamá e do Suez. Embora os Estados Unidos actualmente exportem mais energia do que a que importam, pela primeira vez em décadas, continuamos a estar vinculados à economia global que depende do abastecimento ininterrupto de petróleo e de gás do Médio Oriente e da Ásia Central. Este abastecimento ininterrupto pode ser posto em risco devido à crescente instabilidade política e aos conflitos regionais. Em particular, o Irão continua a aumentar a capacidade de ameaçar o comércio que transita pelo Estreito de Ormuz. Qualquer interrupção no abastecimento



***“O Presidente determinou que deveríamos ter a capacidade de projectar poder, não obstante as ameaças em termos de acesso. Temos de tirar proveito das nossas respectivas forças em termos de Serviços, uma vez que já não é possível seguirmos rumos separados de investimento”. —Almirante Greenert***

O contratorpedeiro de mísseis guiados da classe Arleigh Burke, USS Sterett (DDG 104), aqui ilustrado, participa no Exercício Internacional de Contra-medidas de Minas (IMCMEX) com os navios de contra-medidas de minas USS Devastator (MCM 6) e USS Dextrous (MCM 13) e o navio de contra-medidas de minas da Marinha Real HMS Penzance (M 106). O USS Sterett foi destacado no âmbito das operações de segurança marítima do Grupo de Ataque de Porta-Aviões Carl Vinson, operações de ataque no Iraque e na Síria e esforços de cooperação para a segurança no teatro marítimo da área de responsabilidade da Quinta Frota dos EUA.

energético afectaria, imediata e significativamente, a economia global. Mais perto do nosso país, as mudanças significativas em termos de produção e transporte de energia, assim como a conclusão do projecto de expansão do Canal do Panamá, irão alterar fundamentalmente os padrões de transporte marítimo dos Estados Unidos e do mundo.

As Organizações Transnacionais Criminosas (OTC) continuam a ameaçar a estabilidade em África e no Hemisfério Ocidental, especialmente na América Central e nas aproximações ao território dos EUA pelo Sul. As suas redes promovem o tráfico de seres humanos e os fluxos interrelacionados de armas, narcóticos e capital: tudo isto pode ser explorado por terroristas para atacar o nosso território e o dos nossos aliados, bem como os nossos interesses no estrangeiro.

Os nossos Marinheiros, Fuzileiros Navais e pessoal da Guarda Costeira estão **prontos** para fazer face aos desafios enfrentados pela nossa Nação.

As tendências ambientais estão, cada vez mais, a configurar o ambiente de segurança marítima, particularmente nos litorais, onde reside a maior parte da população mundial. As tempestades agravadas pelas alterações climáticas, a subida do nível do mar e as inundações costeiras estão a afectar, de forma desproporcional, muitas nações insulares. Isto pode desencadear instabilidade social e exigir cada vez mais operações de assistência humanitária e de resposta a catástrofes. A subida da temperatura da água do mar apresenta novos desafios e oportunidades, em especial no Ártico e na Antártida, onde a regressão das superfícies geladas tem como resultado o aumento das actividades marítimas. Nas próximas décadas o Oceano Ártico ficará cada vez mais acessível e será mais amplamente usado por aqueles que procuram acesso aos abundantes recursos da região e a rotas comerciais. O aumento de actividade marítima previsto, designadamente no que respeita à exploração de petróleo e de gás, pesca comercial, turismo e extracção mineira de minerais, deverá também aumentar, ao longo do tempo, a importância estratégica da região. Garantir que as actividades na região do Ártico serão levadas a cabo de forma segura e responsável para o meio ambiente exigirá um espectro amplo de parcerias. Fóruns colaborativos, como o Conselho do Ártico, o qual será presidido pelos Estados Unidos de 2015 a 2017, e o Sistema de Tratados da Antártida, abrem oportunidades para uma cooperação expandida.

## **Desafios militares**

Os Serviços Marítimos enfrentam uma gama cada vez mais ampla de desafios para obter acesso e operar livremente em áreas marítimas comuns. Mais notavelmente, a proliferação de tecnologias que permitem a potenciais adversários ameaçar forças navais e aéreas a maiores

distâncias dificulta o nosso acesso a algumas regiões marítimas (anti-acesso), assim como a nossa capacidade de manobra dentro destas regiões (negação de área), nomeadamente o acesso por terra e pelos litorais. Isto inclui os mísseis balísticos de longo alcance e os mísseis de cruzeiro suportados por Comando e Controlo (C2) de última geração e sistemas integrados de aquisição de alvo; foguetes guiados, artilharia, mísseis e morteiros; submarinos avançados e minas “inteligentes”; sistemas avançados e integrados de defesa aérea; aeronaves de combate de quinta geração com sensores e armas aperfeiçoadas; e capacidades de guerra electrónica (GE), cibernéticas e espaciais. Sendo certamente um nítido desafio durante tempos de guerra, estas tecnologias militares constituem também uma preocupação em tempos de paz. Por exemplo, o livre trânsito de mercadorias e serviços pode ser impedido por intervenientes estatais e não estatais que fazem extracção mineral clandestina de um porto ou de encruzilhadas marítimas.

Os novos desafios no ciberespaço e no espectro electromagnético (EE) significam que já não podemos presumir que temos uma posição de vantagem no domínio da informação. Os oponentes visam interromper, afectar, incapacitar ou causar danos físicos às nossas forças e infra-estruturas por meio de sistemas de informação em rede avançados. A exploração do espaço, ciberespaço e espectro electromagnético ameaça o nosso C2 global. As forças navais devem ser resilientes para operarem no ciberespaço e no EE em condições da maior hostilidade.

As armas de destruição maciça (ADM) ameaçam os Estados Unidos, os nossos aliados e os nossos parceiros. A Coreia do Norte continua a aperfeiçoar as suas capacidades de armas nucleares e a instalar mísseis balísticos de longo alcance. Do mesmo modo, o Irão está a desenvolver tecnologias de construção de armas nucleares e mísseis balísticos com capacidade para lançar ADM. Ademais, as redes terroristas procuram estas armas para as usar contra uma ampla gama de alvos. Tudo isto constitui uma ameaça directa ao nosso território nacional, bem como ao dos nossos aliados e parceiros.

A complexidade destas mudanças geopolíticas e desafios militares, em especial durante um período de incerteza orçamental, requer uma abordagem arrojada e inovadora por parte dos Serviços Marítimos. Esta abordagem requer tanto um relacionamento cooperativo mais sólido com os nossos aliados e parceiros, como uma maior ênfase na interdependência da Força Conjunta, e ainda uma dependência deliberada e selectiva, e a confiança de cada Serviço nas capacidades dos outros de forma a maximizar a sua própria eficácia.

## SECÇÃO II

### PRESENÇA AVANÇADA E PARCERIA

As forças navais operam de forma avançada para configurar o ambiente de segurança, assinalar a determinação dos EUA, salvaguardar os interesses dos EUA e promover a prosperidade em todo o mundo através da defesa da navegação livre nas áreas marítimas comuns. Com a expansão da nossa rede de aliados e parceiros, e melhorando a nossa capacidade de operar ao seu lado, as forças navais fomentam o ambiente de segurança, essencial a um sistema económico aberto baseado na livre circulação de mercadorias, protegem os recursos naturais dos EUA, promovem a estabilidade, dissuadem conflitos e respondem a agressão. Durante crises, as forças navais avançadas conferem ao Presidente opções imediatas para defender os nossos interesses, desescalar hostilidades e manter o conflito longe das nossas costas. Durante guerras, as forças navais avançadas combatem e, simultaneamente, preservam a liberdade de acesso —e acção— às forças de seguimento.

O orçamento actual apresentado pela Marinha prevê mais de 300 embarcações e uma presença avançada de cerca de 120 embarcações até 2020, um aumento em relação a uma média de 97 em 2014, para estar “onde é importante, quando é importante”. Isto abrange forças navais com bases avançadas ultramarinas em locais como Guam, Japão e Espanha; forças com operações avançadas mobilizadas a partir de locais ultramarinos como a República de Singapura; e forças com mobilização rotativa a partir dos Estados Unidos. Para garantir uma presença avançada de forma mais eficiente e eficaz, adoptaremos as seguintes inovações de emprego de força:

- Aumentar o destacamento em bases avançadas das forças no estrangeiro para reduzir rotações e mobilizações dispendiosas, reforçando, ao mesmo tempo, a presença no teatro de operações.
- Prover forças expedicionárias interligadas e distribuídas por todo o mundo, em concertação com os nossos aliados e parceiros, para aumentar a presença naval efectiva, a agilidade estratégica e a capacidade de resposta.
- Empregar plataformas com desenho modular que permitam a troca de módulos de carga útil sem necessitar da troca de todo o navio, resultando numa economia de tempo e dinheiro. Os Navios de Combate no Litoral, que no futuro serão re-designados de Fragatas (FF), são um exemplo desta capacidade.

- Expandir a prática de empregar pacotes de forças adaptáveis, que se moldem às capacidades navais de acordo com ambientes regionais específicos, garantindo, desta forma, que os nossos meios se encontrem localizados onde são mais necessários. Por exemplo, adaptamos as capacidades navais para participação no UNITAS, um exercício anual multinacional marítimo com os nossos parceiros na área de responsabilidade do Comando do Sul dos EUA, para que estejam disponíveis Grupos Anfíbios de Prontidão (ARG) mais capazes, com Unidades Expedicionárias de Fuzileiros Navais embarcados (MEU), e Grupos de Ataque de Porta-Aviões (CSG) para missões mais complexas noutros teatros de operação.
- Tirar proveito de pacotes de forças adaptáveis para capacitar empenhamentos persistentes que desenvolvam a capacidade de aliados e parceiros para responder a crises futuras.

Em cada região aderiremos a um conceito de emprego de força que alinhe a competência e capacidade com as exigências das missões.

### **Indo-Ásia-Pacífico**

Dado que a atenção estratégica se desvia para a região Indo-Ásia-Pacífico, aumentaremos o número de navios, aeronaves e forças do Corpo de Fuzileiros Navais ali instaladas. Até 2020 aproximadamente 60 por cento dos navios e aeronaves da Marinha estarão baseados na região. A Marinha manterá um Grupo de Ataque de Porta-Aviões, Ala Aérea de Porta Aviões e Grupo Anfíbio de Prontidão no Japão; adicionará um submarino de ataque aos que já se encontram no Guam; e implementará abordagens economicamente viáveis como o aumento do número de Navios de Combate do Litoral (LCS) estacionados avançadamente em Singapura para garantir uma presença regional duradoura. A Marinha fornecerá também à região as suas mais avançadas plataformas de combate,, inclusivamente navios de missões múltiplas com capacidade para defesa antimíssil balístico; submarinos; e aeronaves de inteligência, vigilância e reconhecimento (ISR). O contratorpedeiro da classe Zumwalt—o nosso combatente de superfície mais sofisticado tecnologicamente—será destacado para a área, assim como os veículos aéreos não-tripulados de longa duração F-35C Lightning II e MQ-4C Triton.



***“O ambiente de segurança muda, as táticas, técnicas e procedimentos mudam, as ameaças mudam; o que não muda é o nosso papel como força preferencial de resposta a crises da Nação”. —General Dunford***

No início de Janeiro de 2011 a 26ª Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais (MEU), a bordo do Grupo Anfíbio de Prontidão (ARG) USS Kearsarge, no Mar Árabe, recebeu ordens para desembarcar o seu elemento de combate terrestre no Afeganistão para apoiar a Operation Enduring Freedom (Operação Liberdade Duradoura). Pouco tempo depois, os eventos tumultuosos da “Primavera Árabe” despontaram no Norte de África e uma parte do ARG/MEU foi posicionada no Mediterrâneo. Para reconstituir as capacidades de combate terrestre da MEU, estas fizeram uma paragem em Creta, com a duração suficiente para embarcar 400 Fuzileiros Navais, enviados por via aérea, da 2ª Divisão do Corpo de Fuzileiros Navais do Camp Lejeune. Em seguida, posicionaram-se ao largo da costa da Líbia para participar na Operation Odyssey Dawn (Operação Odisseia da Alvorada), realizando ataques aéreos contra o regime de Gaddafi, assim como resgatando com êxito um piloto do F-15E Strike Eagle das Forças Aéreas dos EUA. Estes eventos ilustram a flexibilidade operacional e a mobilidade estratégica inerentes à equipa Marinha-Corpo de Fuzileiros Navais.

O Corpo de Fuzileiros Navais manterá uma Força Expedicionária de Fuzileiros Navais (MEF) na região, destacará uma Força de Fuzileiros Navais Rotativa na Austrália, e utilizará outras forças baseadas em terra e no mar para acções de dissuasão convencionais, cooperação para a segurança e resposta a crises e conflitos, para além de prover apoio expedicionário a planos operacionais. Os novos meios, como o MV-22 Osprey, o CH-53K King Stallion, o F-35B Lightning II e o Veículo de Combate Anfíbio conferirão a estas forças um maior alcance e as capacidades reforçadas necessárias nesta região. A Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais empregarão estas forças a partir de navios anfíbios polivalentes, plataformas reconfiguráveis e locais expedicionários em terra em toda a região Indo-Ásia-Pacífico. A título de exemplo, os Fuzileiros Navais estão destacados actualmente no estrangeiro a bordo nos navios do Comando de Transporte Marítimo Militar, como o navio de Carga Seca/Munição (T-AKE) e o Navio Combinado de Alta Velocidade (JHSV), para treinar forças de segurança de nações parceiras. Recentemente o

Corpo de Fuzileiros Navais destacou esquadrões MV-22 em bases avançadas no Pacífico Ocidental e destacará a primeira aeronave de ataque de quinta geração com base avançada permanente para o Japão.

A Guarda Costeira destacará rotativamente Cúters de Segurança Nacional e forças especializadas destacáveis com efectivos da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais para proteger as águas territoriais dos EUA e a Zona Económica Exclusiva (ZEE). Ademais, a

Guarda Costeira trabalhará com parceiros e Marinhas regionais usando patrulhas conjuntas e combinadas, intercâmbio de "shipriders" (oficiais a bordo) e exercícios multinacionais para desenvolver forças de governação marítima proficientes, reforçar a cooperação em matéria de defesa e segurança marítima e reduzir a pesca ilegal, não declarada e não regulamentada (INN). Estes esforços multinacionais são promovidos por meio da iniciativa de segurança marítima da Oceânia e participação no Fórum da Guarda Costeira do Pacífico Norte.

A nossa presença naval avançada expandida na região Indo-Ásia-Pacífico reforçará as nossas vantagens de combate no teatro de operações, criando, ao mesmo tempo, os alicerces para a consolidação de alianças através de uma interoperabilidade aperfeiçoada, operações mais integradas e exercícios e treino de complexidade crescente. Consolidará também as parcerias por meio de operações de segurança marítima expandidas, sensibilização conjunta do domínio marítimo e compromissos multilaterais de maior duração. O nosso objectivo é desenvolver e manter capacidades regionais para fazer face aos desafios locais de segurança marítima. Consolidando a cooperação para a segurança e os mecanismos multilaterais entre os Estados da região—especialmente os membros da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN)—as forças navais dos EUA contribuirão para a segurança de longo prazo do sistema económico global.

## **MÉDIO ORIENTE**

O Médio Oriente continua a ser estrategicamente vital para os Estados Unidos e para os seus aliados. Aumentaremos a presença na região dos 30 navios com que contamos hoje para cerca de 40, até 2020, para manter um poder de combate credível no Médio Oriente, visando dissuadir conflitos, reassegurar aliados e parceiros, e responder a crises.

A Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais continuarão os destacamentos rotativos para a região de Grupos de Ataque de Porta-Aviões com alas aéreas embarcadas e Grupos Anfíbios de Prontidão com Unidades Expedicionárias de Fuzileiros Navais (MEU) embarcadas. Para além disto, o Corpo de Fuzileiros Navais manterá uma presença contínua no Médio Oriente, nomeadamente um elemento de comando com uma Força Operacional Aérea-Terrestre (MAGTF), liderada por um Oficial General, e uma Força Operacional para Objectivos Especiais Aérea-Terrestre do Corpo de Fuzileiros Navais (SPMAGTF), equipada com aeronaves MV-22 e KC-130 Hércules, para maximizar o raio de acção na cooperação para a segurança e resposta a crises. A Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais manterão instalações de quartel-general no Golfo Árabe, continuarão a mobilizar navios para esta área e utilizarão os novos navios multi-



***“Essas mesmas forças envolvidas diariamente nas acções de presença avançada e de resposta a crises podem, rapidamente e sem interrupções, mudar para prover acesso garantido para Forças Conjuntas”.***

*—General Dunford*

As capacidades anfíbias providas pela equipa da Marinha-Corpo de Fuzileiros Navais—especialmente as que se encontram em posições avançadas—têm vindo há muito a desempenhar um papel crucial em assegurar o acesso ultramarino para missões que abrangem todo o tipo de operações militares. Por exemplo, após os acontecimentos do 11 de Setembro de 2001, dois Grupos Anfíbios de Prontidão (ARG), com Unidades Expedicionárias de Fuzileiros Navais (MEU) embarcadas, foram desviados das suas actividades em regime permanente noutros locais e enviados para o Mar Árábico do Norte. Com a inclusão de um elemento "Fly-in Command (FICE)" formaram o Grupo Operacional 58 no âmbito da Quinta Frota dos EUA e realizaram um assalto anfíbio a cerca de 560 quilómetros no interior para assegurar um ponto de apoio para a introdução de forças conjuntas adicionais. Em Agosto de 2010 a equipa da Marinha-Corpo de Fuzileiros Navais agregou mais uma vez dois ARG/MEU nessa região mas, desta feita, com o fim de realizar operações de assistência humanitária no seguimento de inundações causadas por chuvas torrenciais no Paquistão.

missões, como o Navio de Combate de Litoral, Navio Combinado de Alta Velocidade e Base Flutuante Avançada (AFSB- Afloat Forward Staging Base), para apoiar a cooperação a nível de segurança, contra-terrorismo, operações expedicionárias, caça-minas e Forças de Operações Especiais.

A Guarda Costeira destacará efectivos para desenvolver capacidades da nação parceira relacionadas com governança marítima e, ao mesmo tempo, levará a cabo operações de segurança marítima, protecção de infra-estruturas e actividades de Controlo do Estado do Porto. Os navios de patrulha da Guarda Costeira e as forças especializadas destacáveis em navios da Marinha e da coligação combaterão as actividades marítimas ilícitas.

A nossa presença naval avançada prolongada no Médio Oriente protegerá o território nacional e promoverá a estabilidade regional travando as acções das redes terroristas que ameaçam a governação local e regional. Esta presença servirá também para combater a proliferação de armas de destruição maciça e dissuadir potenciais adversários de

ameaçar o trânsito de energia através do Estreito de Ormuz e do Canal do Suez. Reforçaremos a competência e capacidade das principais parcerias, particularmente o Conselho de Cooperação do Golfo, para promover a interoperabilidade com Estados-membros e outras Marinhas em todo o mundo.

## Europa

A NATO e os nossos aliados e parceiros europeus continuam a ser vitais para os interesses de segurança dos EUA nesta região e em todo o mundo. A nossa interoperabilidade com aliados permanece uma prioridade, tal como demonstrado pelo destacamento cooperativo, durante nove meses, de um Grupo de Ataque de Porta-Aviões com efectivos da Marinha Real Britânica embarcados, e pelas operações combinadas do Grupo de Ataque de Porta-Aviões entre os Estados Unidos e a França. As nossas instalações navais na Europa são essenciais para manter as forças navais a operar nesta área e imediações. As forças navais em operação na Europa estão posicionadas idealmente para levar a cabo operações rápidas, flexíveis e baseadas no mar na Europa, em África, no Levante e no Sudoeste Asiático.

À medida que nos reorientamos para a região Indo-Ásia-Pacífico, continuamos a reconhecer a relevância estratégica duradoura e as contribuições da Europa e da NATO na abordagem a desafios comuns de segurança marítima, tais como a *Operation Ocean Shield*, a qual tem reduzido a pirataria nas águas que circundam o Corno de África. Destacando o nosso compromisso com a NATO, a Marinha continuará a apoiar os Grupos Permanentes Marítimos e de Contra-Medidas para Minas da NATO e a disponibilizar forças na Europa que dêem contributos únicos para a aliança, tais como o sistema de defesa Aegis anti-mísseis balísticos (AMB), em terra e flutuante, e protejam os nossos aliados e parceiros contra as ameaças de mísseis balísticos. Isto inclui o posicionamento de contratorpedeiros multi-missões com capacidade para AMB em Espanha



***“As pessoas perguntam por que a Guarda Costeira forja parcerias com governos estrangeiros para pôr em prática as leis relativas à pesca em locais distantes das costas da nossa Nação. A resposta é que a segurança económica de muitas dessas nações parceiras depende, em larga medida, dos delicados recursos haliêuticos, que são os alicerces da estabilidade e segurança regional”.***

—Almirante Zukunft

A pesca ilegal, não declarada e não regulamentada custa à economia global entre US\$ 10 e US\$ 20 mil milhões por ano. Os Estados Unidos desenvolvem e implementam activamente medidas de governação marítima que são adoptadas por organizações internacionais para a gestão das pescarias. Os nossos esforços voltados ao reforço da capacidade internacional para preservar os recursos haliêuticos sustentáveis e outros recursos vivos marinhos promovem a segurança económica global, abrem vias para a cooperação numa ampla gama de assuntos e reduzem a tensão internacional. Aqui, a Guarda Costeira dos EUA e o pessoal de serviços de aplicação da lei da Serra Leoa efectuam uma subida a bordo de um navio pesqueiro, ilustrando a utilidade do treino e suporte combinados para as forças marítimas de todo o mundo.

até ao final de 2015. Estes navios também asseguram uma presença avançada no Mediterrâneo para cooperação para a segurança, segurança marítima e missões de resposta a crises. A continuação do processo de integração com a NATO será necessária para garantir a segurança e estabilidade regional a longo prazo.

Para aumentar a presença episódica do Grupo Anfíbio de Prontidão/Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais (ARG/MEU), o Corpo de Fuzileiros Navais proverá uma Força Operacional para Objectivos Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais (SPMAGTF) baseada em terra ou no mar, treinada para ser empregue por si só ou como parte de uma força composta de maior porte. Foi criada em 2013 uma força SPMAGTF desta natureza para apoiar missões na Europa

e em África. O Corpo de Fuzileiros Navais continuará a empregar estas forças operacionais organizadas na cooperação para a segurança mantendo, ao mesmo tempo, a prontidão para responder a crises.

### África

Proveremos presença naval em África com pacotes de forças adaptáveis, como o Navio Combinado de Alta Velocidade ou uma Base Flutuante Avançada Para Preparação com Marinheiros, Fuzileiros Navais e pessoal da Guarda Costeira embarcados. Os Batalhões de Construção (Seabees), Unidades de Neutralização de Engenheiros Explosivos, Navy Seals e outras Forças de Operações Especiais Navais, assim como efectivos da Guarda Costeira e Fuzileiros Navais, continuarão a trabalhar ao lado de forças de segurança de parceiros para combater o terrorismo, o tráfico ilícito e a exploração ilegal de recursos naturais por meio de iniciativas como a Parceria para a Aplicação do Direito Marítimo de África e a Estação de Parceria Africana. As nações da



***“A Guarda Costeira conta com mais de 60 acordos bilaterais com governos estrangeiros que nos permitem proteger a governação marítima, o Estado de Direito e a liderança global por intermédio de operações combinadas com nações anfitriãs”.***

—Almirante Zukunft

A Força Operacional Conjunta Inter-agências do Sul (JIATF-S) é um excelente exemplo de cooperação naval a pouca distância das nossas costas. Esta força operacional combina efectivos da Marinha, Guarda Costeira e órgãos de segurança civis, todos os quais trabalham com parceiros multinacionais no sentido de reduzir o narcotráfico em toda a América Central e do Sul. Em 2013 catorze nações do Hemisfério Ocidental e da Europa ajudaram a apreender mais de 131 toneladas métricas de cocaína, avaliada em aproximadamente US\$ 3 mil milhões. Este pessoal da Guarda Costeira, em Miami Beach, descarrega o equivalente a milhões de dólares em drogas ilícitas apreendidas.

África Ocidental dependem em larga medida das forças marítimas para combater o tráfico ilícito, o qual tem vínculos com as organizações terroristas. Por exemplo, os Serviços Marítimos continuarão a trabalhar com as nações parceiras no Golfo da Guiné para encontrar uma solução de longo prazo para os desafios de segurança marítima por meio de intercâmbio de informações, patrulhas e exercícios comuns. A Marinha manterá uma base expedicionária no continente para apoiar as medidas de contra-terrorismo, segurança marítima, e operações de inteligência, vigilância e reconhecimento. As forças destacadas avançadamente e de destacamento rápido, tais como as ARG/MEU, as SPMAGTF e as Brigadas Expedicionárias do Corpo de Fuzileiros Navais (MEB) participarão em exercícios e treino para reforçar parcerias, manter a prontidão para responder a crises e proteger os cidadãos e interesses dos Estados Unidos da América na região.

Continuaremos a trabalhar ao lado dos parceiros europeus e africanos, assim como das organizações regionais, com o intuito de reforçar as capacidades africanas de resposta a crises e contribuir para a estabilidade nos seus respectivos Estados.

## **Hemisfério Ocidental**

Consolidaremos as parcerias e capacidades no Hemisfério Ocidental para proteger o território nacional e combater o tráfico ilícito e as organizações criminosas transnacionais. Os esforços de recapitalização da Guarda Costeira produzirão uma frota de navios e aeronaves multi-missões altamente capazes, designadamente o Cúter de Patrulha Marítima e o C-27J Spartan, para fazer frente a ameaças, particularmente no Mar das Caraíbas, Golfo do México e Leste do Oceano Pacífico. A Marinha manterá a sua base na Baía de Guantánamo, Cuba, para apoiar operações militares conjuntas e combinadas e para reforçar os esforços inter-organismos voltados para a consolidação da segurança e cooperação regional. O Corpo de Fuzileiros Navais fará uso de forças operacionais ou SPMAGTF para apoiar as actividades de cooperação para a segurança e aumentar a interoperabilidade com os parceiros regionais, reforçando as suas capacidades para interditar organizações criminosas transnacionais. Empregaremos navios anfíbios e outras plataformas, incluindo Navios de Combate do Litoral, Navios Combinados de Alta Velocidade, Bases Flutuantes Avançadas de Preparação, navios-hospital, outros navios de Comando de Transporte Marítimo Militar e plataformas da Guarda Costeira, para levar a cabo missões de assistência humanitária e de resposta a desastres. Empregaremos também aeronaves de patrulha marítima, como o P-8A Poseidon, e veículos aéreos não tripulados. Outros navios e aeronaves terão uma presença periódica para acções

recorrentes entre forças militares, exercícios de cooperação para a segurança no teatro de operações e outras missões.

### **Ártico e Antártida**

Em consonância com o crescimento prognosticado de actividades marítimas, os Serviços Marítimos avaliarão o acesso ao Ártico e as necessidades de presença, aumentarão o conhecimento sobre o domínio marítimo e procurarão oportunidades de cooperação com parceiros do Ártico com o fim de reforçar a defesa e segurança marítima na região. Isto requer que desenvolvamos ainda mais a nossa capacidade de operação no Ártico, designadamente em águas cobertas e obstruídas por gelo. A Guarda Costeira aplicará as capacidades de multi-missões do Cúter de Segurança Nacional para garantir uma presença sazonal adequada para operações de comando e controlo e vigilância aérea e começará o processo de concepção de uma nova capacidade de quebra-gelo pesado para apoiar operações tanto no Ártico como na Antártida. A Guarda Costeira centrar-se-á também na formação de um grupo marítimo de assistência, coordenação e operações, aberto a membros das nações do Conselho do Ártico. O objectivo deste grupo será a coordenação de operações de busca e salvamento multinacionais, exercícios de treino, gestão de tráfego marítimo, resposta a desastres e intercâmbio de informações.

## SECÇÃO III

### PODER MARÍTIMO EM APOIO À SEGURANÇA NACIONAL

Os Serviços Marítimos operam nos oceanos do mundo para proteger o território nacional, desenvolver segurança no mundo, projectar poder e conquistar vitórias decisivas. Esta capacidade de manobra global nos mares, e de impedir que outros usem o mar contra os nossos interesses, constitui uma vantagem estratégica dos Estados Unidos. Os Grupos de Ataque de Porta-Aviões com ala aérea embarcada, enquanto capacidade de ataque superior das forças navais, e as forças operacionais anfíbias com Fuzileiros Navais embarcados, em conjunto com combatentes de superfície, submarinos e cúters da Guarda Costeira, conferem opções flexíveis e sustentáveis, do mar para o litoral, para apoiar as seguintes missões navais: defesa do território nacional, dissuasão de conflitos, resposta a crises, derrota de agressão, protecção dos recursos marítimos comuns, consolidação de parcerias e prestação de assistência humanitária e resposta a desastres.

Organizamos, treinamos e equipamos as forças navais para a consecução destas missões por meio de cinco funções essenciais: acesso a todos os domínios, dissuasão, controlo marítimo, projecção de poder e segurança marítima. Empregamos estas funções numa abordagem de armas combinadas que, como soma do poder marítimo dos EUA, garantem desta forma uma vantagem comparativa singular para a Força Conjunta e para a Nação.

#### **Acesso a todos os domínios**

O acesso a todos os domínios consiste na capacidade de projectar o poderio militar em áreas contestadas com suficiente liberdade de acção para operar eficazmente. No ambiente de segurança actual, esse acesso é cada vez mais disputado por actores estatais e não estatais capazes de pôr em risco até as nossas forças e sistemas de armas mais avançados através das suas próprias estratégias sofisticadas de anti-acesso/negação de área.

Posto em prática em coordenação com as capacidades de controlo marítimo e projecção de poder da equipa da Marinha-Corpo de Fuzileiros Navais, o acesso a todos os domínios permite aos Comandantes da Força Conjunta do Componente Marítimo prover capacidades em todos os domínios à Força Conjunta por meio dos seguintes elementos:

- Conhecimento do espaço de batalha, conceito que implica uma vigilância persistente do domínio marítimo, nomeadamente a parte terrestre do litoral, e do ambiente de informação; conhecimento penetrante das capacidades e intenções dos nossos adversários; conhecimento de quando, onde e como os adversários operam; e uma compreensão abrangente do ambiente no qual as nossas forças operam.
- Comando e controlo firmes, através dos quais os comandantes ficam capacitados a manter redes robustas, resilientes e ágeis para utilização das forças de comando e controlo em ambientes disputados.



***“É imperativo que tenhamos acesso a qualquer domínio. Isto traduz-se na alteração da forma como planeamos e coordenamos acções nos domínios do ar, mar, terra, espaço e ciberespaço, identificando e alavancando a combinação de capacidades apropriada para garantir o acesso e liberdade de acção”.***

—Almirante Greenert

A evolução das capacidades anti-acesso/negação de área por potenciais adversários impulsiona a necessidade para orientar a nossa capacidade de combate no sentido de uma maior integração e interoperabilidade de plataformas, sensores, armas e sistemas. Estas iniciativas estão a ser desenvolvidas em torno de capacidades emergentes, tais como o programa *Naval Integrated Fire Control-Counter Air* (NIFC-CA) de defesa contra aeronaves e mísseis inimigos. Este programa integra reconhecimento, caças e sistemas de controlo de fogo a bordo para derrotar ameaças de longo alcance. O E-2D Hawkeye, mostrado nesta imagem a aterrar na zona de aterragem do USS Dwight D. Eisenhower (CVN 69), integra todos estes elementos do NIFC-CA.

- Operações no ciberespaço, abrangendo tanto medidas defensivas como ofensivas, que preservam a possibilidade de utilização de capacidades de ciberespaço amigáveis; protecção de dados, redes, capacidades baseadas em redes e outros sistemas designados; e projecção de poder através da aplicação de força no, ou via, ciberespaço.
- Guerra de Manobra Electromagnética (EMW), um conceito relativamente novo que combina operações da frota no espaço, ciberespaço e espectro electromagnético com capacidades avançadas não-cinéticas para obter vantagens de combate.
- Fogos integrados, que proporcionam uma gama ampliada de opções cinéticas e não cinéticas que o comandante pode explorar plenamente e, sempre que necessário, atacar as capacidades e vulnerabilidades do adversário.

A sinergia em todos os domínios é alcançada quando todos estes elementos são sincronizados, proporcionando aos

comandantes da Força Conjunta uma gama de opções em todos os domínios para derrotar as estratégias de anti-acesso/negação de área. Estas opções compreendem uma maior ênfase na capacidade coordenada e não cinética em toda a força e técnicas de contra-ataque a alvos em vez de enfrentar cada ameaça com armas cinéticas cada vez mais dispendiosas. Em suma, é necessário que nos tornemos cada vez mais abrangentes na nossa capacidade ofensiva para derrotar o sistema em vez de contra-atacar armas específicas. Como exemplo, poderemos derrotar com maior eficácia as ameaças de mísseis balísticos anti-navio e mísseis cruzado fazendo uso dos conhecimentos superiores do campo de batalha para empregar capacidades cibernéticas e de EMW numa abordagem de fogos integrados que derrota as ameaças antes mesmo de estas serem lançadas.

A garantia de acesso a todos os domínios é iniciada nos tempos de paz por meio de operações de rotina com as forças navais e marítimas dos nossos aliados e parceiros. Estes esforços consolidam relacionamentos, desenvolvem competências e capacidades, e resultam na garantia de acesso no ambiente marítimo. Quando as forças navais criam as condições para o acesso em tempos de paz, nós reforçamos a nossa interoperabilidade com aliados e parceiros para alcançar mais prontamente o acesso a todos os domínios em tempo de conflito.

As forças navais alcançam o acesso a todos os domínios como parte de operações conjuntas, melhorando os relacionamentos e a dissuasão em tempos de paz e tornando possível o êxito contra os nossos inimigos em tempo de guerra. Esta função apoia todas as missões navais.

## **Dissuasão**

Nós alcançamos dissuasão convencendo potenciais inimigos de que não lhes será possível



***“As peças-chave da capacidade naval continuam a ser o Grupo de Ataque de Porta-Aviões e o Grupo Anfíbio de Prontidão. . . Estes navios, aeronaves, Marinheiros e Fuzileiros Navais têm vindo a dissuadir e a derrotar agressões desde a II Guerra Mundial e assim continuarão a fazê-lo no futuro”.***

*—Almirante Greenert*

A aviação naval é essencial para a nossa capacidade de pôr em marcha a projecção de poder e dissuadir ou derrotar a agressão. Helicópteros e aeronaves de asa fixa a operar a partir de porta-aviões, navios anfíbios e estações na costa, assim como helicópteros a operar a partir de cruzadores e contratorpedeiros—complementados por veículos aéreos não tripulados de última geração—têm desempenhado um papel fundamental em campanhas recentes e permanecem em prontidão para realizarem qualquer missão que lhes seja atribuída. O F/A-18E Super Hornet aqui ilustrado descola do porta-aviões USS John C. Stennis (CVN 74) no Oceano Pacífico.

ganhar ou que o custo da agressão seria inviável.

A dissuasão nuclear estratégica é garantida pelos submarinos de mísseis balísticos (SSBN) da Marinha que conferem aos Estados Unidos uma capacidade de segundo ataque nuclear segura e precisa. Sempre no mar, os SSBN patrulham sem serem detectados, permanecendo em contínua comunicação e com capacidade para resposta imediata. Sendo o elemento mais seguro e de maior sobrevivência da tríade nuclear da nossa Nação, é imperativo que as nossas forças navais baseadas no mar sejam mantidas num estado máximo de prontidão e plenamente dotadas de recursos.

A dissuasão convencional é assegurada por forças navais por meio do poder de combate avassalador dos nossos Grupos de Ataque de Porta-Aviões com Ala Aérea embarcada; dos combatentes de superfície e sub-superfície com armas de ataque de precisão; e do poder de combate escalável, destacável e expedicionário das Forças Expedicionárias do Corpo de Fuzileiros Navais (MEF), Brigadas Expedicionárias do Corpo de Fuzileiros Navais e Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais, empregues a partir de diversas combinações de navios anfíbios, pré-posicionamento marítimo e bases avançadas. A Guarda Costeira mantém uma presença contínua nos nossos portos, nas vias navegáveis interiores, ao longo das nossas costas e no mar, criando uma camada adicional de defesa contra as ameaças marítimas. Em conjunto com navios multi-missões de mísseis balísticos com capacidade de defesa, estas forças navais oferecem uma ampla gama de opções fiáveis de dissuasão que são ágeis, flexíveis e escaláveis. Encontram-se também posicionadas de forma a poder responder com rapidez para defender o território nacional e os nossos aliados, caso a dissuasão fracasse.

Esta função apoia as missões navais de defesa do território nacional, dissuadindo conflitos e consolidando parcerias.

### **Controlo do mar**

O controlo no mar permite às forças navais estabelecer uma superioridade marítima local enquanto nega, simultaneamente, a um adversário a mesma capacidade. As forças navais avançadas empregam um espectro integral de camadas de capacidades para a destruição das forças navais do inimigo, supressão do comércio marítimo do inimigo e protecção de linhas marítimas vitais, nomeadamente portos de embarque e desembarque, o que possibilita o transporte marítimo estratégico e facilita a chegada de forças de seguimento. Os elementos essenciais do controlo marítimo são a guerra de superfície, guerra submarina, guerra de

ataque, guerra de minas, defesa aérea e com mísseis, conhecimento do domínio marítimo, bem como inteligência, vigilância e reconhecimento.

O estabelecimento do controlo marítimo pode requerer a projecção de poder em terra para neutralizar ameaças ou controlar terreno na parte de terra dos litorais. Da mesma forma, para projectar e sustentar poder em terra é necessário estabelecer o controlo marítimo no espaço marítimo e aéreo adjacente. Neste contexto, o controlo marítimo e a projecção de poder reforçam-se mutuamente. Esta função apoia as missões navais de defesa do território nacional, derrotando a agressão e consolidando parcerias.

### **Projecção do poder**

Num sentido lato, a projecção de poder é a capacidade de uma nação aplicar todos ou alguns elementos do poder nacional— diplomático, informativo, militar ou económico— para responder a crises, contribuir para a dissuasão e reforçar a estabilidade regional.

A projecção de poder naval engloba ataques convencionais contra alvos em terra, ataques cinéticos integrados e fogo não cinético contra

forças inimigas, operações de forças avançadas, incursões e todas as formas de operações anfíbias, desde manobras de navio para objectivo, e apoio de fogo, baseado no mar, a forças em terra, até missões levadas a cabo por Forças de Guerra Especiais e Forças de Operações Especiais da Marinha. As forças de ataque da Marinha lideradas por porta-aviões, combatentes de superfície e outros navios, assim como submarinos, proporcionam capacidades de ataque de longo alcance com base no mar. As forças expedicionárias navais podem projectar poder a grandes distâncias no interior para interromper esforços inimigos, destruir forças inimigas e ganhar terreno em apoio de uma campanha conjunta.



***“A ampla gama de autoridades da Guarda Costeira é única—somos um órgão regulador, uma organização federal de aplicação da lei e um dos cinco serviços armados da Nação. Mantemos a excelência da nossa missão mediante a combinação das nossas autoridades e competências com a capacidade significativa dos nossos serviços irmãos”.***

*—Almirante Zukunft*

A participação dos EUA em fóruns e instituições multinacionais, tal como a Organização Marítima Internacional, resulta em aprimoramentos das normas globais relativas a navios comerciais e segurança de portos, segurança no mar, anti-pirataria e protecção do ambiente e recursos marítimos. Aqui, pessoal da Guarda Costeira dos EUA e do Comando de Aplicação da Lei de Pescas da China embarcam num navio sem nacionalidade suspeito de pesca com redes de emalhar em alto mar. Esta prática ilegal e condenada universalmente coloca uma ameaça significativa aos ecossistemas oceânicos e à segurança alimentar e económica de nações que dependem de recursos pesqueiros.

A projecção de poder depende também da nossa capacidade de instalar bases no mar e tirar proveito do Comando de Transporte Marítimo estratégico, assim como do reabastecimento de combustível aéreo da Força Conjunta e da colocação estratégica em todo o mundo das nossas bases e instalações, que salvaguardam, destacam e mantêm as nossas forças. A Integração da Logística Naval é um elemento essencial da nossa capacidade para manter forças em operação no mar. Historicamente, a capacidade de sustentar operações distantes serviu como pedra angular da projecção do poder naval.

A capacidade de projecção de poder naval também facilita outros elementos de missões de “poder inteligente” na forma de assistência humanitária e resposta a catástrofes, tal como demonstrado no terramoto de 2010 no Haiti, no tsunami de 2011 no Japão e no tufão de 2013 nas Filipinas. Situadas para responder com rapidez às catástrofes em regiões-chave, as forças navais avançadas, em coordenação com aliados e parceiros, estão prontas a salvar vidas, prestar socorro imediato e estabelecer as condições para uma resposta civil eficaz, sem depender de portos ou aeródromos danificados ou inacessíveis em terra. Esta função apoia as missões navais de defesa do território nacional, a reacção a crises e a dissuasão de conflitos, impedindo a agressão e provendo assistência humanitária e resposta a catástrofes.

### **Segurança marítima**

A segurança marítima salvaguarda a soberania e os recursos marítimos dos EUA, suporta o comércio marítimo livre e aberto e impede a proliferação de armas, terrorismo, crime transnacional, pirataria, exploração ilegal do ambiente marítimo e imigração ilegal por via marítima.

As forças navais garantem a segurança marítima nas áreas marítimas comuns da humanidade e nas aproximações marítimas à nossa Nação. Os Estados Unidos gerem recursos minerais e marítimos críticos na nossa Zona Económica Exclusiva (ZEE), uma área de 4,5 milhões de milhas quadradas, e mantêm uma responsabilidade internacionalmente reconhecida de busca e salvamento na Zona de Trânsito mais ampla do Hemisfério Ocidental. Os navios e aeronaves da Guarda Costeira e da Marinha, que operam na nossa ZEE e fora desta, são o extremo dianteiro dos níveis de defesa da nossa Nação e promovem o conhecimento do domínio marítimo, estabelecem a governação marítima efectiva e protegem o território nacional.

A segurança marítima reforça os esforços dos EUA que visam o cumprimento de leis, regras e normas que regem as normas de comportamento nas áreas marítimas comuns da humanidade em matéria de trânsito, comércio e exploração de recursos naturais. De particular importância é

a cooperação com outras Guarda Costeiras para abordar desafios militares e não-militares dirigidos por um Estado contra direitos soberanos.

Levamos a cabo operações de segurança marítima mediante a localização e monitorização de embarcações suspeitas de transportar ilicitamente carga ou pessoas. Se necessário, interceptamos e abordamos essas embarcações em apoio às leis dos EUA ou sanções internacionais. Operando com as autoridades legais singulares da Guarda Costeira, as forças navais combatem o narcotráfico, o tráfico humano e a exploração ilegal de recursos naturais, em particular no Hemisfério Ocidental. As operações de segurança marítima apoiam também as actividades mais amplas de governação marítima dos Estados Unidos. Estas incluem a garantia de acesso a águas cobertas e obstruídas por gelo no Ártico e Antártida.

Uma vez que todas as nações usufruem colectivamente dos benefícios da segurança marítima, esta é uma esfera promissora para a ampliação da cooperação com os nossos aliados e parceiros. Por meio de exercícios e treino multinacional, apoiaremos as forças de segurança marítima no combate ao crime transnacional organizado e na protecção da pesca e do comércio marítimo. Esta função apoia as missões navais de defesa do território nacional, protegendo os recursos marítimos comuns e consolidando parcerias.

## SECÇÃO IV

### CONCEPÇÃO DA FORÇA: EDIFICAR A FORÇA FUTURA

Nesta época de austeridade fiscal, a nossa força é dimensionada para apoiar a derrota de um adversário regional numa campanha de grande porte e de fases múltiplas, ao mesmo tempo que anula os objectivos de, ou impõe custos inaceitáveis a, outro agressor numa região diferente. Esta concepção de dimensionamento da força assegura a nossa capacidade de apoiar as exigências de uma presença mundial. Para este efeito a Marinha e o Corpo de Fuzileiros Navais têm de manter uma frota de mais de 300 navios, incluindo 11 porta-aviões, 14 submarinos de mísseis balísticos (substituídos por 12 SSBN(X) do programa de substituição de Ohio) e 33 navios anfíbios, enquanto a Guarda Costeira tem de manter uma frota de 91 Cúters de Segurança Nacional, Patrulha em Alto Mar e Resposta Rápida.

Uma força mais reduzida, motivada por cortes orçamentais ou "sequestros orçamentais" adicionais, obrigar-nos-ia a fazer escolhas difíceis. Seríamos obrigados a executar esta estratégia marítima com maior nível de risco para algumas missões e funções, reduzir a presença avançada e diminuir a nossa presença em algumas regiões geográficas. Estes cortes limitariam também as nossas vantagens de combate. Especificamente, no caso de voltarmos aos níveis de financiamento dos "sequestros orçamentais", os Grupos de Ataque em Porta-Aviões e os Grupos Anfíbios de Prontidão, que estão disponíveis para crises e contingências, seriam insuficientes para atender às exigências, assim como a capacidade da Marinha para manter uma presença avançada apropriada seria posta em causa.

Ao construirmos a força futura, faremos mudanças institucionais e assumiremos riscos prudentes à medida que equilibramos os investimentos em prontidão, competência e capacidade. Manteremos o nosso compromisso para com os nossos membros do Serviço, utilizaremos novos conceitos operacionais e desenvolveremos capacidades inovadoras. À medida que formamos esta força futura, valorizaremos a energia como recurso vital em todas as missões navais de forma a ampliar o nosso alcance operacional, a segurança e a independência energética. Os seguintes princípios de implementação, em conjunto com documentos específicos para o Serviço, como o intitulado *Marine Corps' Expeditionary Force 21* e *Marine Expeditionary Brigade Concept of Operations [Força Expedicionária 21 e Conceito de Operações da Brigada Expedicionária do Corpo de Fuzileiros Navais]* e suplementos confidenciais, orientarão os nossos esforços no sentido de garantir que continuamos a ser uma força naval competente e pronta para combate.

## **Forças flexíveis, ágeis e prontas**

As nossas acções, ao concebermos a nossa força futura, serão:

- Preservar um inventário apropriado de forças navais prontas para uma escalada e para combate, preparadas para responder rapidamente a crises, contingências importantes e ameaças contra o território nacional, ao mesmo tempo que dependemos das forças navais de destacamento avançado como forças de configuração e de resposta. Manter este equilíbrio permite-nos responder às crises actuais, mantendo-nos, simultaneamente, prontos para os conflitos do futuro.
- Desenvolver uma força futura motivada e relevante composta por Marinheiros, Fuzileiros Navais e efectivos da Guarda Costeira com experiências, antecedentes e ideias diversas, prontos a nível pessoal e profissional, e proficientes na operação das suas armas e sistemas.
- Desenvolver uma força equilibrada de submarinos, porta-aviões, navios anfíbios e combatentes de superfície concebida para o combate. Estes navios devem ser complementados por plataformas reconfiguráveis, como o Navio Combinado de Alta Velocidade, o Cúter de Segurança Nacional e auxiliares, incluindo navios de Grande Porte e de Velocidade Média de Transporte De Carga em Alto Mar (LMSR), navios de Carga Seca/Munições (T-AKE), Plataformas de Aterragem Móveis (MLP) e Base de Preparação Avançada Flutuante (AFSB).
- Melhorar a interdependência da Força Conjunta por meio de iniciativas que eliminem lacunas e emendas, reduzam redundâncias desnecessárias e aumentem sinergias com as Forças Aéreas e as Forças Armadas com o fim de desenvolver conceitos de operação para obstar a ameaças de anti-acesso/negação de área. Não poderemos actuar sozinhos. Por exemplo, as forças navais dependem em larga medida das capacidades de abastecimento aéreo das Forças Aéreas e da capacidade de inteligência, vigilância e reconhecimento (IVR) a nível mundial. Da mesma forma, o sistema do exército, mundialmente destacável, de Defesa Terminal de Área de Alta Altitude (THAAD), as baterias de mísseis antiaéreos Patriot e os Sistemas Integrados de Defesa Antiaérea Antimíssil da Marinha (IAMD) complementam-se entre si com as suas capacidades robustas. O emprego de Forças de Operações Especiais a partir de navios da Marinha é outro exemplo de interdependência de Forças Conjuntas.
- Implantar um modelo previsível de emprego de forças navais—o Plano de Resposta da Frota Optimizada da Marinha (O-FRP)—que estrutura a manutenção pré-destacamento,

treino e prazos de inspeção para aumentar a prontidão e disponibilidade operacional para fazer face aos requisitos de Gestão da Força Mundial (GFM).

- Dar prioridade à viabilidade económica em todos os aspectos do nosso processo de aquisição através do controlo de custos em todos os ciclos de vida do sistema. Por exemplo, expandiremos as nossas iniciativas de Arquitectura de Sistemas Abertos para ampliar o uso da propriedade intelectual e aumentar a concorrência. Estas medidas resultarão na descida dos custos totais de propriedade, aumentarão a capacidade de combate e originarão programas futuros sustentáveis.
- Colaborar com os nossos parceiros do sector para projectar plataformas interoperáveis e adaptáveis, às quais possam ser ligadas, rapidamente, novas cargas de sensores, informação, logística e armas. A modularidade definirá a nossa força futura.
- Planear e equilibrar aquisições, e manter estratégias para garantir a viabilidade da base industrial.
- Aperfeiçoar capacidade energéticas operacionais que reforcem o nosso alcance e a segurança energética. Estas medidas incluirão o uso de iniciativas do Corpo de Fuzileiros Navais para melhorar o consumo de energia destacada, o desenvolvimento de bio-combustíveis e outros programas que relevam a eficiência energética.

## Efectivos

Para garantir que os nossos Marinheiros, Fuzileiros Navais e efectivos da Guarda Costeira, activos e na reserva—assim como civis—continuam a ser a nossa principal vantagem assimétrica:

- Manteremos o apoio à satisfação das necessidades das nossas famílias e dos



***“Numa era de orçamentos limitados e de incerteza, acreditamos que somos uma apólice de seguro com um preço razoável. E a História mostra qual é o preço de não subscrever essa apólice de seguro”.***

—General Dunford

Os acontecimentos dos últimos anos têm demonstrado a utilidade das forças expedicionárias de destacamento avançado. Em 2013 foi estabelecida a Força Operacional de Fuzileiros Navais Aeroterrestre para Objectivos Especiais e Resposta a Crises (SPMAGTF-CR) para o Comando dos EUA na Europa e para o Comando dos EUA em África com o fim de aumentar a capacidade para cooperação no campo da segurança e da resposta a crises. Em 3 de Janeiro de 2014, na sequência da violência étnica no Sudão Sul, elementos da SPMAGTF-CR levaram a cabo uma evacuação não combativa de cidadãos dos EUA daquele país. Acima vê-se um Fuzileiro dos EUA a acompanhar a Sra. Embaixadora dos EUA, Susan D. Page, até uma aeronave em espera. No futuro, pretendemos instalar a SPMAGTF-CR no mar para aumentar a sua flexibilidade e alcance operacional.

nossos Marinheiros, Fuzileiros Navais e efectivos da Guarda Costeira feridos de modo a garantir que honramos a confiança sagrada da nossa Nação para com os que servem e os que pagam o preço mais alto.

- Reforçaremos a protecção, segurança e qualidade da vida profissional e pessoal dos nossos Membros de Serviço, civis e famílias. Continuaremos a responsabilizar os níveis de comando pelo estabelecimento de um ambiente que permita que o nosso pessoal e respectivos entes queridos prosperem, tendo em conta os extraordinários compromissos e sacrifícios que empreendem colectivamente.
- Impulsionaremos a nossa vantagem de guerra mediante a formação de dirigentes que personifiquem a obrigação moral perante a profissão naval defendendo os respectivos valores e ética fundamentais, que cumpram as suas obrigações como dirigentes de carácter e integridade, e que exerçam com confiança a sua autoridade e responsabilidade, com um sentido sólido e duradouro de responsabilização pelos seus actos.
- Modernizaremos todo o sistema da força do pessoal da Marinha através de uma estratégia holística que promova a evolução desta força composta totalmente por voluntários, criando carreiras mais ágeis e favoráveis às famílias, em sintonia com as realidades sócio-económicas do século XXI. Desenvolveremos também um mercado de escolhas e desafios para os que têm melhor desempenho e eliminaremos o sistema de longa data de "subir ou sair", que não concretiza o objectivo de maximizar o nosso investimento no nosso pessoal.
- Criaremos uma verdadeira competência de aprendizagem que alie a nossa aquisição, requisitos e esforços de programação de modo a produzir o que há de mais avançado em tecnologia e design, resultando em simulações realistas e cenários ao vivo, virtuais e construtivos antes dos efectivos serem destacados. Uma vez destacados, refinaremos ainda mais as suas proficiências por meio de exercícios com aliados e parceiros em ambientes operacionais desafiantes.
- Optimizaremos a combinação total da força, empregando estrategicamente a Reserva Seleccionada, gerindo talentos diferenciados para criar guerreiros mais adaptáveis e ágeis e expandindo as oportunidades de Serviço para a população mais ampla, em apoio às operações de paz e para prover a capacidade essencial de acção.
- Cultivaremos o pensamento estratégico e o capital intelectual por meio de iniciativas de Serviço individuais, como o revigoramento da Junta Naval da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais, o estabelecimento da Empresa Estratégica da Marinha voltada para a criação de sinergias entre os estados-maiores navais e outras instituições de índole estratégica e o desenvolvimento de um quadro de pensadores estratégicos.

- Expandiremos e capacitaremos a comunidade de Oficiais de Áreas Estrangeiras (FAO) para garantir que estejam sempre prontos a forjar e consolidar parcerias internacionais e servir como capacitadores importantes para operações conjuntas, marítimas e de coligações.

## **Conceitos**

Desenvolveremos, refinaremos e validaremos novos conceitos de combate por meio de simulações e exercícios de guerra a nível de serviços, demonstrações de tecnologia de conceitos conjuntos e exercícios conjuntos e de coligação de escala plena. Tirando proveito do trabalho de equipa, talento, educação e imaginação da nossa força naval diversa e dos nossos aliados e parceiros:

- Desenvolveremos capacidades de projecção de poder regionais e globais, em apoio ao Conceito de Acesso Operacional Conjunto, que proporcionarão uma gama integral de opções que definem de que forma a Força Conjunta futura realizará operações para conquistar e manter o acesso e a liberdade de acção nas áreas de recursos comuns da humanidade.
- Promoveremos o conceito de rede mundial de Marinhas, aprofundando a cooperação para a segurança com aliados e parceiros. Isto implica:
  - Expandir o componente de destacamento cooperativo que integra forças de aliados e parceiros em treinos pré-destacamento, exercícios de prontidão e destacamentos de Grupos de Ataque em Porta-Aviões e Grupos Anfíbios de Prontidão.
  - Reforçar a eficácia de combate entre aliados e parceiros. Alcançaremos este objectivo por meio de exercícios conjuntos, aliados, combinados e de Serviços, de crescente complexidade e abrangência, nomeadamente aqueles que têm por fim aumentar a interoperabilidade em operações anfíbias, particularmente na região Indo-Ásia-Pacífico e na Europa. Ademais, aumentaremos os intercâmbios de pessoal e inteligência, para além de criarmos um cenário operacional comum de redes confidenciais e não confidenciais.
  - Participaremos em fóruns regionais e internacionais para discutir preocupações sobrepostas relacionadas com soberania, economia, segurança, defesa e aplicação da lei. Isto fomentará a cooperação multilateral em operações combinadas, intercâmbio de informações, combate ao narcotráfico, resposta de emergência, segurança marítima e protecção dos recursos piscatórios.

- Realinhar o treino, desenvolvimento de táticas, apoio operacional e avaliações da Marinha com as nossas áreas de missões de guerra de modo a que estas reflitam a forma como nos organizamos actualmente para o combate. Em cada comunidade de guerra a Marinha estabelecerá um centro de desenvolvimento de combate incumbido de realizar treino de teatro de operações, do nível tático ao avançado.
- Realizaremos o controlo marítimo e a projecção de poder de uma forma mais distribuída em ambientes litorais. Isto implica o emprego de forças expedicionárias destacadas avançadamente e prontas, que estejam organizadas por tarefa no âmbito de uma força anfíbia coesa, para assegurar opções escaláveis e assim derrotar ameaças baseadas em terra, negar ao inimigo a utilização de terreno chave, e estabelecer bases expedicionárias avançadas e postos oceânicos, consoante descrito na *Força Expedicionária 21*. Para tanto usaremos plataformas reconfiguráveis, conceitos e tecnologias mais sofisticadas de instalação marítima, e tecnologias que aprofundam o conhecimento do espaço de batalha até ao nível mais baixo de esquadrão expedicionário.
- Desenvolveremos táticas, técnicas e procedimentos (TTP) focadas nas vulnerabilidades do adversário. Exploraremos o equilíbrio ideal entre os ataques cinéticos tradicionais e as acções não cinéticas. Isto conservará a capacidade de recursos limitados no paiol em prol de meios mais eficientes e menos dispendiosos, quando disponíveis, para interromper a cadeia destrutiva do adversário.
- Desenvolveremos e evolveremos os nossos conceitos de operação de guerra de manobras electromagnéticas, espaço e ciberespaço com o fim de alcançar os efeitos desejados empregando uma combinação de meios cinéticos e não cinéticos. O ambiente ciber-electromagnético é hoje de tal forma essencial para as operações militares, e tão crucial para os nossos interesses nacionais, que deveremos tratá-lo como um domínio de combate a par com o mar, ar, terra e espaço.
- Desenvolveremos as nossas TTP de combate em grupos de pequenas embarcações de modo a englobar a utilização de tecnologias inovadoras como o laser, armas avançadas e veículos "inteligentes" de controlo remoto no combate a estas ameaças.

## **Capacidades**

A contínua inovação influencia a forma como combatemos e impulsiona a forma como investimos. Concentraremos os nossos recursos nas capacidades que nos permitem manter e melhorar as nossas vantagens de combate. Sempre que apropriado, daremos maior prioridade

à competência do que à capacidade e realçaremos a modularidade e a arquitectura aberta em projectos actuais e futuros de plataformas.

#### *Acesso a todos os domínios*

Em resposta aos crescentes desafios em matéria de anti-acesso/negação de área:

- Daremos prioridade às capacidades que adquirem e mantêm o acesso, onde e quando necessário, em todos os domínios de combate.
- Desenvolveremos uma força apta a lidar com operações autónomas e eficazes num ambiente de negação ou degradação de informação.
- Ampliaremos a nossa segurança e resiliência cibernética mediante a aquisição e modernização das nossas plataformas, sistemas e redes de tecnologia da informação; mediante a instituição de programas de garantia de qualidade para proteger as capacidades cruciais de combate; e mediante o estabelecimento de normas técnicas, certificações e autoridades comuns para manter o estado de prontidão dos nossos programas e sistemas cibernéticos.
- Desenvolveremos capacidades em rede, integradas e multi-dimensionais para derrotar as ameaças aéreas e de mísseis do adversário. Desenvolveremos componentes chave das nossas redes de controlo de fogo, aplicações avançadas de combate electrónico, e mísseis terra-ar acima do horizonte que expandem o alcance e a capacidade da nossa capacidade integrada de defesa anti-aérea e anti-míssil.
- Optimizaremos a utilização do volume de carga das nossas plataformas mediante a integração de capacidades de combate cinéticas e não cinéticas no ciberespaço e no espectro electromagnético. Isto englobará armas de energia dirigida de última geração e operações dirigidas no ciberespaço e EMW (combate no espectro electromagnético) que exploram, interrompem, incapacitam ou destroem redes, sensores e sistemas de armas do adversário.
- Reforçaremos a capacidade das Forças Operacionais Ar-Terra do Corpo de Fuzileiros Navais (MAGTF) de comandar e controlar as forças que respondem a crises ou contingências e executam operações de entrada forçada.
- Organizaremos e equiparemos Brigadas Expedicionárias de Fuzileiros Navais para exercerem o comando e controlo de forças operacionais conjuntas e multinacionais, capacitaremos a Força Expedicionária de Fuzileiros Navais para operações de maior escala e juntar-nos-emos à Marinha para executar operações anfíbias. Isto compreende o aumento da capacidade de destacar e combinar rapidamente, visando formar uma força composta coesa e ágil, dimensionada de acordo com a missão.

- Reforçaremos a capacidade das operações de comando e controlo para projectar poder a partir do mar em ambientes disputados, incluindo a interoperabilidade com nações parceiras.
- Integraremos capacidades de aviação da quinta geração na MAGTF e destacaremos esta capacidade avançada em funções de mar e terra, nomeadamente a partir de bases expedicionárias avançadas e postos em alto mar.

### *Dissuasão*

Enquanto houver armas nucleares e outras armas de destruição maciça a ameaçar a nossa Nação e os nossos aliados, nós proveremos uma dissuasão estratégica segura, protegida e fiável com base no mar. A prioridade primordial da Marinha é garantir que o elemento com maior sobrevivência da tríade nuclear estratégica da nossa Nação permaneça plenamente dotado de fundos, e em prontidão, através da força existente de SSBN e o contínuo desenvolvimento do Programa de Substituição de Ohio. Isto inclui o sistema nacional de comando e controlo, a plataforma submarina, o sistema de lançamento e a capacidade de mísseis balísticos que, em conjunto, asseguram uma maior capacidade de sobrevivência e de acção letal.

Para reforçar as opções de dissuasão convencionais a partir do mar utilizaremos os nossos porta-aviões, navios, submarinos e aeronaves de última geração, com capacidade para ataques de precisão de longo alcance, assim como melhoraremos o acesso operacional das nossas forças expedicionárias futuras.

### *Controlo marítimo e projecção de poder*

Para manter a nossa capacidade de derrotar a agressão, responder a crises e consolidar parcerias:

- Fomentaremos as capacidades navais que asseguram o nosso domínio submarino, especialmente em ambientes disputados. Continuaremos a melhorar os sensores submarinos fixos e móveis, destacando, ao mesmo tempo, sensores avançados polivalentes e sistemas de protecção em navios e aeronaves, proporcionando uma capacidade de combate anti-submarino e de elevada altitude e desenvolvendo veículos submarinos não tripulados.

- Continuaremos a desenvolver e a integrar sistemas não tripulados que aumentam a nossa capacidade de operação para além dos limites da resistência humana e em ambientes altamente disputados de alto risco. Isto engloba aplicações aéreas, de superfície, submarinas e em terra.
- Daremos prioridade ao desenvolvimento de armas de longo alcance à distância para complementar as capacidades de aeronaves furtivas. Isto inclui a capacidade de alvejar objectivos a distâncias mais alargadas e em ambientes disputados para assegurar um ataque lançado por ar, superfície e submarino.
- Aumentaremos a nossa capacidade de tomar, estabelecer, manter e proteger bases expedicionárias austeras que reforçam operações navais em ambientes de ameaças anti-acesso/negação de área.
- Desenvolveremos a capacidade de empregar conectores, nomeadamente combinações de lanchas de desembarque, veículos anfíbios, pequenas embarcações e plataformas de aviação multi-missões no litoral, com assinatura radar reduzida, maiores distâncias e maior velocidade e capacidade. Isto implica uma contínua investigação e o desenvolvimento de opções de alta velocidade em água para ataques anfíbios.
- Empregaremos sistemas de geração de energia no mar mais eficientes e tecnologias emergentes de miniaturização, automatização, propulsão, materiais e fabrico. Estas capacidades reduzirão o consumo de energia e dar-nos-ão maior capacidade para manter forças avançadas, permitindo, simultaneamente, o uso de novas armas, como os sistemas de energia dirigida e canhões electromagnéticos.
- Desenvolveremos sistemas de armas alternativas, como a energia dirigida e os canhões electromagnéticos. As armas de energia dirigida combaterão ameaças à velocidade da luz com extrema precisão e com paiol de capacidade ilimitada. O canhão proverá apoio preciso num fogo naval de superfície, ataques terrestres e navios de defesa de modo a dissuadir embarcações inimigas a maiores distâncias.
- Continuaremos a desenvolver fontes de energia alternativas inovadoras e tecnologias eficientes. Por exemplo, hoje encontram-se em serviço centrais eléctricas híbridas, que estão a aumentar o tempo que as nossas forças de superfície passam nas estações e a sua disponibilidade operacional.

## *Segurança marítima*

Para combater o terrorismo, o tráfico ilícito, a pirataria e as ameaças à liberdade de navegação no domínio marítimo:

- Aumentaremos as nossas capacidades de detecção marítima integrada, monitorização e inteligência, juntamente com as dos nossos aliados e parceiros, visando aumentar o conhecimento mundial sobre o domínio marítimo. Isto implica a exploração dos requisitos de notificação mais restritos do Sistema Automatizado de Identificação para embarcações com peso inferior às 300 toneladas actualmente exigidas, assim como a aplicação de tecnologias inovadoras que reforcem a eficácia contra as ameaças de pequenas embarcações.
- Consolidaremos o Programa Internacional de Segurança Portuária para garantir ainda mais a integridade e legitimidade de navios comerciais e de carga a transitar para as nossas costas.
- Reforçaremos a nossa interoperabilidade e capacidade para levar a cabo visitas, subidas a bordo, e busca e apreensão em ambientes disputados.
- Aumentaremos a interoperabilidade entre os navios, aeronaves e instalações em terra da Marinha e da Guarda Costeira, em conformidade com a Política Nacional relativa a Frotas, para maximizar as capacidades de controlo marítimo e segurança marítima.
- Apoiaremos os nossos aliados e parceiros por meio de treino, exercícios e provisão de capacidades, através de vendas e financiamento militar, com o fim de aumentar a sua capacidade para fazer face aos desafios de segurança marítima.

Por meio de mudanças institucionais, investimentos equilibrados e o compromisso de desenvolver os nossos membros do Serviço forjaremos uma força futura apta e pronta para combate.

## CONCLUSÃO

Os Estados Unidos tirarão cada vez mais proveito dos seus Serviços Marítimos na consecução dos seus objectivos de segurança nacional. Neste mundo turbulento, os Serviços Marítimos conferem à Nação opções fiáveis, flexíveis e escaláveis que visam assegurar a liberdade dos mares, responder prontamente a crises, e dissuadir e derrotar agressão. Esta estratégia identifica uma série de desafios geopolíticos, militares e orçamentais, assim como oportunidades para as forças navais os configurarem ou superarem.

Ao enfrentarmos os desafios do século XXI, manteremos o nosso compromisso para com o desenvolvimento do nosso povo; validaremos novos conceitos operacionais; e empregaremos capacidades inovadoras para manter as nossas vantagens de combate, em especial nos ambientes disputados. Fazer face a estes desafios implica que adoptemos a rede global de Marinhas, uma vez que ficamos mais fortes quando trabalhamos em conjunto com os nossos aliados e parceiros.

A nossa prioridade primordial continua a ser a segurança e prosperidade da nossa Nação, do povo americano e do nosso estilo de vida. Esta estratégia assegura a contínua protecção dos cidadãos americanos, por parte da Marinha, Corpo de Fuzileiros Navais e Guarda Costeira, e a respectiva promoção dos interesses dos EUA, tal como temos vindo a fazer há mais de dois séculos. Poder marítimo dos Estados Unidos da América—*avançado, empenhado e pronto*.